



VISÃO EMPRESARIAL

Suzana Vellinho Englert

Representante do Movimento Porto Alegre+ e Conselheira da Associação Comercial de Porto Alegre (ACPA)

Porto Alegre cresce quando construímos juntos

Há momentos na história de uma cidade em que é preciso decidir entre permanecer presa às discussões do passado ou construir, coletivamente, o futuro. Porto Alegre vive exatamente esse momento. O Movimento Porto Alegre+ nasceu dessa convicção e hoje reúne 65 entidades representativas - dos segmentos do comércio, indústria, serviços, turismo, saúde, finanças, urbanismo, educação, empreendedorismo e inovação -, que congregam mais de 244 mil associados e são responsáveis pela geração de aproximadamente 2,5 milhões de empregos diretos e 1,3 milhão de empregos indiretos. Esses números evidenciam a sua capacidade de mobilizar diferentes setores em torno de agendas que impactam diretamente o presente e o futuro da Capital.

O Movimento atua de forma colaborativa em prol do desenvolvimento, crescimento econômico, social e ambiental da capital gaúcha, com equilíbrio,

Entendemos que pensar a cidade exige muito mais do que defender interesses setoriais ou discutir temas isolados

responsabilidade e defesa da liberdade. Muito mais do que uma iniciativa em torno de uma pauta específica, o Porto Alegre+ é um ecossistema permanente de colaboração entre organizações que representam diferentes setores da economia e da sociedade. Seu propósito é contribuir para uma cidade mais competitiva, sustentável, inovadora e com mais qualidade de vida para todos. Entendemos que pensar a cidade exige muito mais do que defender interesses setoriais ou discutir temas isolados. É necessário enxergar Porto Alegre em toda a sua complexidade, reunindo diferentes visões, experiências e competências para enfrentar os desafios que ainda limitam seu desenvolvimento.

Nenhuma entidade, empresa ou instituição, por mais re-

levante que seja, conseguirá transformar a cidade sozinha. As soluções para problemas como mobilidade, segurança jurídica, desenvolvimento urbano, atração de investimentos, revitalização de espaços públicos, inovação ou sustentabilidade dependem da capacidade de construir consensos e estabelecer objetivos comuns. Por isso, o Porto Alegre+ representa muito mais do que a união de entidades representativas. Representa uma nova forma de pensar a cidade.

Vivemos um tempo em que a inteligência coletiva faz toda a diferença. As melhores decisões surgem da conjugação de ideias, da troca de experiências e da disposição para ouvir diferentes perspectivas. Quando somamos conhecimento, capacidade técnica e compromisso institucional, o resultado é sempre maior do que a simples soma das partes.

Essa talvez seja a principal contribuição do Movimento: demonstrar que é possível substituir a lógica da divisão pela cultura da cooperação. Durante décadas, o Rio Grande do Sul acostumou-se a enxergar muitos debates sob a ótica dos antagonismos. Essa cultura, que tantas vezes colocou lados opostos em permanente confronto, já não responde às necessidades de uma sociedade cada vez mais dinâmica e conectada.

O Porto Alegre+ é um movimento disruptivo porque convida organizações com diferentes origens e áreas de atuação a construir uma agenda comum para a cidade. Não significa pensar igual, mas reconhecer que existem objetivos maiores que nos unem. Significa acreditar que Porto Alegre pode ser mais inovadora, mais competitiva, mais acolhedora e mais preparada para as próximas gerações.

OPINIÃO

Gêmeos digitais em prática na eficiência energética

Gustavo Brito

Vice-presidente global da Stefanini Manufacturing

O debate sobre eficiência energética industrial ainda está incompleto. Continuamos tratando o problema com ferramentas do passado enquanto a operação já exige respostas de outro nível e o custo disso aparece na conta de energia, na variabilidade da produção e nas metas de descarbonização que não saem do lugar.

Historicamente, eficiência energética foi tratada como um problema de engenharia, com foco em trocar o equipamento antigo pelo moderno. Essa lógica funcionou por décadas, mas esse caminho já foi percorrido. A maioria das grandes operações industriais já fez esse movimento e o desperdício persiste. O diferencial hoje não está mais na máquina.

Está na forma como operamos a máquina, hora a hora, decisão a decisão. Uma planta com equipamentos modernos, mas operada com variabilidade alta e decisões lentas, continuará desperdiçando energia e dinheiro. É nesse ponto cego que os gêmeos

digitais baseados em inteligência artificial mudam o jogo. Com dados, sensores, IoT e IA trabalhando de forma integrada, criamos uma representação virtual viva do processo, um sistema que aprende, identifica padrões, prevê comportamentos e recomenda decisões com uma precisão que o julgamento humano isolado não alcança.

Antes, você descobria ineficiência no relatório do mês, na conta de energia, no desvio de produção. Hoje, antecipa antes que vire prejuízo. Pequenas variações operacionais eram tratadas como ruído inevitável da produção, mas agora é possível

identificar exatamente onde essa variabilidade nasce. É aí que está escondida grande parte do desperdício energético.

Reduções de 3%, 5% ou 8% parecem modestas. Dentro de uma planta operando em escala, representam impacto financeiro relevante, redução concreta de emissões e uma operação significativamente mais resiliente.

Eficiência energética deixou de ser um projeto com início, meio e fim. Passou a ser uma capacidade contínua da operação, construída dia a dia com modelos cada vez mais precisos. Um desafio de dados e IA, não apenas de engenharia.

Eventos como a Hannover Messe mostram que a simulação que promove decisões prescritivas não é mais inovação — é o novo padrão da operação



Quando o diabo veste o crachá

Sandro Eduardo

Neurocientista, pesquisador da Comunicação e escritor

Com a chegada de “O Diabo Veste Prada 2”, não retorna apenas uma personagem do cinema. Retorna uma pergunta incômoda: até que ponto confundimos excelência com assédio moral?

O primeiro filme foi além do entretenimento. Durante anos, circulou em cursos de Administração e pós-graduações como símbolo de determinação e sucesso. Andy era vista como alguém que suportava pressão, atravessava humilhações, aprendia as regras do jogo corporativo e “vence”.

Hoje, por trás das roupas impecáveis e das frases afiadas, reconhecemos uma cultura de intimidação: uma liderança que não precisava gritar para intrometer medo e um ambiente em que a excelência justificava ferir pessoas em nome do resultado. A diferença entre exigência e abuso

de poder está no efeito produzido: uma desenvolve, o outro diminui.

É nesse terreno que prospera a figura popularmente conhecida como “psicopata corporativo”: aquele que usa a máquina organizacional para escalar cargos e poder, manipular narrativas e ignorar o estrago humano que deixa pelo caminho. Em muitos casos, rotula alguém e passa a ler autonomia como resistência, segurança como arrogância e inteligência como ameaça.

Em minha atuação com neurociência aplicada à comunicação e liderança, tenho percebido que as pessoas não respondem apenas às palavras, mas ao conjunto da experiência: o tom que diminui, a expressão de desdém, a interrupção que corta uma ideia, o silêncio usado como punição e a prática que desmente o discurso de apoio. Aos poucos, o profissional percebe que não está sendo convidado a crescer, mas convocado a colaborar com a própria diminuição.

Ambientes saudáveis ampliam a inteligência. Ambientes perversos destroem potencialidades enquanto profissionais competentes exaurem energia para sobreviver politicamente.

Como orientação prática, três cuidados ajudam. Acredite na percepção dos contextos: quando fala, corpo e prática não combinam, há algo a ser observado. Documente fatos, não sentimentos: o manipulador prospera no “disse-me-disse”, na ambiguidade e na ausência de registro. E crie saídas paralelas: fortaleça networking, reputação externa e presença no mercado. O crachá é temporário. A reputação é patrimônio.

Agora, você provavelmente assistirá ao filme de outra forma. Mas uma certeza permanece: “O Diabo Veste Prada 2” vale pela nostalgia, pelas reviravoltas e pelos ótimos personagens. E vale ainda mais por nos lembrar quando o “diabo” deixa o cinema e veste o crachá.